

## A REPRESENTAÇÃO IDENTITÁRIA SUL-BAIANA EM AS VELHAS DE ADONIAS FILHO

Gisane Souza Santana (UESC)<sup>1</sup>

As identidades só podem ser lidas a contrapelo, isto é, não como aquilo que fixa o jogo da diferença em um ponto de origem e estabilidade, mas como aquilo que é construído na *diférance* ou por meio dela.

Stuart Hall

### Considerações iniciais

O século XVII caracterizou-se como o século da história das mulheres, apesar de, nessa caracterização, o espaço da mulher continuar limitado. Aos homens cabia, o espaço público e tudo que era dessa esfera, ao passo que às mulheres era destinada a esfera do privado ou do restrito. Desse modo, competia-lhes tudo o que dizia respeito ao doméstico, à casa, ao lar; sendo por isso chamadas de *anjos do lar*. Observa-se a predominância do discurso machista, uma vez que a mulher ocupa uma posição subalterna em relação ao homem. Mesmo no início do século XX, data provável em que já se esboçava um discurso feminista, redefinindo a questão do gênero, a condição feminina continuava sendo, predominantemente, a de *rainha do lar*.

Este estudo apresenta uma análise sobre a representação identitária feminina sul-baiana através das personagens Tari Januária, Zefa Cinco, Zonga e Lina de Todos, do romance. Pressupõe-se que, na obra estudada, apesar da predominância do discurso machista, as personagens femininas de *As velhas* ganham em suas reivindicações certa heterogeneidade.

A verificação da narrativa literária enquanto representação da identidade é vislumbrada segundo os conceitos de: Hall (2005), Bhabha (1995), Canclini (2003), Sacramento (2004) e Moreira (2003), cujas abordagens são perpassadas pela reflexão acerca da dinâmica imbricada no processo de formação das identidades culturais. Tal estudo se propõe a contribuir para a discussão sobre a representação do papel da mulher na implantação da lavoura cacaueteira no Sul da Bahia.

### Pressupostos Teóricos

Discutir a questão da identidade exige a retomada de alguns conceitos permitindo visualizá-la como uma construção discursiva na qual os indivíduos se localizam socialmente. A partir dessa localização são construídos os sentidos que marcam as características mais representativas de um povo:

Não temos conhecimento de um povo que não tenha nomes, idiomas ou culturas que em alguma forma de distinção entre o eu e o outro, nós e eles, não seja estabelecida.... O autoconhecimento – invariavelmente uma construção, não importa o quanto possa parecer uma descoberta – nunca está totalmente dissociado da necessidade de ser conhecido, de modos específicos, pelos outros (CALHOUN apud. CASTELLS, 2000 p. 22).

A identidade como fonte de significados e experiências é, então, inerente aos grupos sociais, e tem importância enquanto forma de reconhecimento dos próprios indivíduos que constituem o grupo, além de servir como um bojo de características que promovem a *diferenciação* com relação aos outros. Essa diferença, por sua vez, gerará os sentimentos responsáveis pela formação das identidades, pois a *sensação de pertencimento* passa a obedecer à lógica da necessidade do indivíduo de estar contido num sistema social que, acolha as características individuais em torno de significações homogêneas e representativas para a construção das identidades coletivas. Esse aspecto fará com que os indivíduos enquadrem a produção cultural individual e coletiva aos interesses dos projetos comuns da sociedade. Estabelece-se aí quem está apto ou se interessa a pertencer a determinados grupos de acordo com as suas identidades.

Dessa maneira, a identidade é construída a partir de um repertório cultural apresentada na sociedade, expressada como conhecimento científico, práticas artísticas ou religiosas. Kathryn Woodward afirma que “com frequência, a identidade envolve reivindicações essencialistas sobre quem pertence e quem não pertence a um determinado grupo identitário, nas quais a identidade é vista como fixa e imutável” (2003, p.13). O sentimento de pertencimento e permanência é o pressuposto básico para a construção da identidade individual, ao se referir aos grupos a que pretende fazer parte. No entanto, ver a identidade como fixa e imutável corresponde apenas a uma estratégia para tentar formar nas consciências a sensação de homogeneidade que, na verdade, não corresponde mais ao conceito pós-moderno de identidade, devido aos processos de hibridização cultural.

O sujeito pós-moderno segundo Hall é:

conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente [...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidade possíveis com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (2005, p. 13)

As identidades, como mostra Hall, estão em constante processo de formação a depender dos fatores sociais que agem sobre os indivíduos. Daí a concepção do termo *identificação*, à medida que esses fatores – ‘as interpelações dos sistemas culturais’ – se apresentam, as pessoas se identificam de acordo com cada circunstância. Os processos que desencadeiam as identificações são múltiplos e por isso geram uma dinâmica favorável à não fixação permanente das identidades. A identidade, de acordo com sua concepção pós-moderna, e enquanto resultado das atribuições culturais, é vista como uma manifestação muito mais flexível, uma vez que, tem sido mais difícil a tarefa de se situar num ambiente mediado e formado por uma constante *hibridação cultural* (Canclini, 2003). Os sujeitos passam a assumir diversas identidades que não existem

mais como algo unificado, todavia, respondem a momentos específicos e a contextos diversificados. Daí a necessidade de se formular estratégias que permitam, mesmo com o hibridismo das culturas e formações múltiplas das identidades, aspectos que reúnam os indivíduos em categorias de acordo com algumas características comuns ao grupo e fazem com que esses se sintam como parte de um todo. Deve-se encontrar formas de costurar as diferenças decorrentes das várias identificações, a fim de constituir uma certa homogeneidade capaz de classificar os indivíduos, segundo particularidades que os definam.

Para Hall “uma forma de unificá-las tem sido a de representá-las como a expressão da cultura subjacente de ‘um único povo’. A etnia é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais – língua, religião, costume, tradições, sentimento de ‘lugar’ - que são partilhados por um povo” (2005, p. 62). Essas classificações acerca das caracterizações do povo são fundamentais para gerar um agrupamento em torno dos mesmos aspectos culturais, promovendo assim, as impressões de homogeneidade.

Perceber a identidade como processo que emerge de atributos culturais é crucial, portanto, para a compreensão o papel que as representações têm na edificação dos sentidos que compõem as identidades. Assim, é possível dizer que só a partir da representação será possível conceituar a identidade nacional explicando a sua importância nas sociedades contemporâneas, nos domínios cultural e social. Nesse contexto, a cultura, enquanto expressão da produção de bens simbólicos que definem as identidades, surge como uma síntese de representações capazes de produzir as identificações dos sujeitos com o meio no qual está inserido. Dessa forma, a literatura adquire o status de representação cujo funcionamento age como fonte de significados e suscita a abordagem dos aspectos culturais da sociedade a que se refere.

Antes que se perceba imerso numa cultura universal, na qual se experiencia um contato mais íntimo com outros ambientes culturais, o indivíduo precisa se centrar num contexto local para encontrar os referenciais que interferem de forma mais contundente na sua individualidade: “Ter uma identidade seria, antes de mais nada, ter um país, uma cidade ou um bairro, ou seja, uma *entidade* em que tudo o que é compartilhado pelos que habitam esse lugar se tornasse idêntico ou intercambiável” (CANCLINI, 2003, p. 190). As identificações com os fatores sociais formam-se primeiro nos espaços cujas identidades são mais facilmente constituídas, sendo assim, a formulação se processa inicialmente em referência ao contexto local.

Outro aspecto relevante referentes aos produtos culturais que visam a reafirmação das identidades é que estes funcionam, ainda, a partir de algumas estratégias, a fim de situar as origens de um povo através de narrativas que agem como *mitos fundadores* ou *lendas de tradição oral*, construindo os sentidos que compõem as identidades (BHABHA, 1995, p. 45). Esse aspecto se verifica na literatura, na cultura popular e na mídia, através de estratégias discursivas que objetivam gerar a noção de continuidade, tradição e intemporalidade. A crença em um passado imaginado e comum a todos, edificado pelas narrativas literárias e outras formas de representação cultural, orientam os indivíduos na história de formação da sua coletividade e preenchem de sentidos suas identidades (Hobsbawm, 1997). Dessa maneira, por meio da produção cultural é possível que as pessoas de determinado local sintam-se agregadas, compartilhando modos de se comportar e pensar, vivenciando um sentimento de cultura partilhada.

A literatura regional é vital no processo de constituição das identidades locais, pois funcionam como forma de representação dos aspectos culturais, que as

caracterizam tal como se manifestam socialmente. O estudo da obra *As velhas* permite observar a literatura como reflexo da cultura retratada e também como uma estratégia narrativa de reafirmação e valorização da identidade sul-baiana.

### **A representação identitária feminina**

O narrador de *As Velhas* apresenta Tari Januária, em sua infância e juventude, submetida a uma dominação machista, típica da cultura daquela época, a fase de desbravamento das matas, para o plantio do cacau: “Sozinha, morto o pai e sem a minha gente, me agarrei a Pedro Cobra. *Fui uma cachorra a segui-lo, andando ou correndo, sempre atrás dele no caminho de volta*”, “[...] ele na frente e eu atrás como um rabo”<sup>2</sup>(ADONIAS FILHO, 1979, p.13 e 20).

Nessa cultura, a mulher sai do domínio do pai, para se submeter ao domínio de outro homem - o marido-,

[...] O destino da mulher era o casamento e a maternidade; atribuições, ou melhor, funções que em nada mudavam a condição feminina, uma vez que a mulher continuava tutelada pelo marido e mantida como uma “menor”, “uma marginalizada” diante do poder constituído. (MOREIRA,2003, p.52)

Entretanto, ao longo do tempo, sua relação com o marido vai se tornando mais igualitária e menos violenta:

Me lembro da labuta dele, Pedro Cobra, para ensinar as coisas dos brancos. Noite com a fogueira queimando lá fora e aqui dentro o fogo[...] *me ensinou a comer sal, usar vestido, falar como ele, atirar de rifle e não mais me pintar com o vermelho do urucum e o preto de jenipapo*”<sup>i</sup>.(ADONIAS FILHO, 1970, p.20)

Nessa fase intermediária, apesar de receber do marido uma atenção maior, numa relação de ensino-aprendizagem, ela ocupa o papel subalterno de aluna, enquanto Pedro Cobra é o professor. A contribuição da cultura indígena na identidade regional “é silenciada”, uma vez que Tari Januária assimila a cultura européia, a cultura do colonizador: “comer sal, usar vestido, falar como ele, atirar de rifle”, ao mesmo tempo em que nega sua própria cultura: “não mais me pintar com o vermelho do urucum e o preto de jenipapo”. Toda a contribuição indígena à cultura grapiúna não é levada em conta pelo narrador e através da voz de Tari Januária: “me ensinou a comer sal, usar vestido, falar como ele, atirar de rifle e não mais me pintar com o vermelho do urucum e o preto de jenipapo” , este lugar, ou melhor, este *não-lugar*, ocupado pela cultura indígena se faz presente.

(...) o processo colonial intentava promover o *esquecimento* das referências locais e no vazio restante instaurar a *lembrança*, não do *passado* do colonizado, antes os feitos do colonizador, tal como ocorre com Iracema, que nega sua cultura, seus antepassados, pelo fato de ser depositária do segredo da jurema. (SACRAMENTO, 2004, p. 113)

Dessa forma, o narrador de *As Velhas* promove o esquecimento das referências indígenas regionais, ao mesmo tempo, em que instaura a lembrança do desbravador, que

se tornará, mais tarde, o *coronel*, da cultura grapiúna. Observa-se, portanto, uma continuidade no discurso identitário regional, entre os autores Adonias e Jorge Amado. O primeiro destaca a figura do desbravador, com seu rifle, e o segundo retoma essa mesma figura, já sob a forma do *coronel* do cacau, à frente dos jagunços armados.

A personagem Tari Januária, depois de uma adolescência violentada e de uma fase em que é tratada como subalterna, finalmente, na velhice, adquire um *status* de mulher independente, dura, autoritária, dando ordens ao filho homem: “ – Vá, Tonho Beré, calcule o terreno. Eu quero os ossos!” (*op. cit.* p. 5). Ocupando o lugar do marido morto, ela passa a desempenhar o papel de mulher e de homem, numa posição de *matriarca* da família. Assim, a construção discursiva da índia Tari Januária se articula em torno de três momentos: adolescente violentada, aluna subalterna e matriarca autoritária.

Ao contrário, a personagem Zefa Cinco é apresentada pelo narrador, numa visão feminista de igualdade de direitos e deveres entre homem e mulher: “se Deus fez, o diabo juntou Chico Paturi e Zefa Cinco. Unha e carne de tão agarrados, duros na labuta, fizeram um pouco de tudo” (*Idem*, p. 49).

A relação de Zefa Cinco com o marido é apresentada sem qualquer marca de dominação do homem: “Unha e carne de tão agarrados”. O trabalho na roça e o cuidado com os animais domésticos eram compartilhados pelo casal: “(...) duros na labuta, fizeram um pouco de tudo”. O casamento para ela não significou passar do domínio do pai para o do marido, mas foi uma simples *troca*: “Era ainda muito moça, pois acabara de fazer dezoito anos quando trocou pai e mãe por um homem[...]” (*Idem*, p.50).

A relação feminista de igualdade com o homem, marca Zefa Cinco desde o tempo em que vivia com o pai:

Zefa não perdia tiro. Aprendera a tirar com o pai firme o olhar nos jagunços, a pontaria infalível. Dois já atingira na cabeça quando ouviu o grito de Quintino. Voltou-se e viu que o menino gemia, estrebuchando, numa poça de sangue. Quintino, o menino! Agonizava, balas no peito, sofria muito. Ela cortou aquela dor atirando no coração do menino, aquele Quintino, atirando com o olhar seco e tudo em menos de um segundo. (*Idem*, p.47)

Em vez da dominação dos homens, Zefa Cinco torna-se quase um deles: “não perdia tiro”, “pontaria infalível”, “Ela cortou aquela dor atirando no coração do menino”. A violência masculina, no entanto, não extingue a ternura e o amor de mãe: “Tiveram filhos, dois meninos e, anos depois, uma menina.” (*Idem*, p. 50). Mas a vingança pela morte dos filhos faz ressurgir nela toda a violência selvagem dos homens desbravadores: “Zefa Cinco, com as próprias mãos, retalhou Pedro Cobra até a morte. Fez com ele o que as onças fizeram com os filhos dela” (*Idem*, p. 53). Tem-se, portanto, uma personagem feminina, que representa a não-linearidade, a quebra de paradigma e preceitos, porque reivindica, para si, a mudança e vivencia a transição de um estado de limitações para abrangência de possibilidades.

Zonga é uma personagem feminina e negra, talvez por essa condição, esteja próxima da submissão ao homem. O casamento deu-se mais por circunstância do que por escolha amorosa: “Coé nasceu comigo e, todos os dias juntos teria mesmo que

acabar sendo a mulher dele”(Idem, p. 87). Morto o marido, chega a sentir algo “diferente” por outro homem, mas apenas segue-lhe passiva:

Me levou mato adentro, fez uma fogueira- ‘a nossa fogueira’- ele disse- e nos deitamos na terra que a relva cobria como uma pele de carneiro curtido. Não sei ainda hoje se o calor vinha das chamas ou do corpo dele. Lembro que, depois de acariciar meu rosto com as mãos e me beijou a boca, me lembro que falou como se fosse uma criança [...] Idem, p. 88)

Mesmo depois de velha, quando algumas mulheres alcançam maior independência e autonomia, Zonga continua paciente e bondosa, traços que podem disfarçar a submissão dócil feminina: “Ninguém mais tem paciência com as pessoas, devoção pelos santos e bondade com os bichos que Zonga [...] A negra alta de quase dois metros, velha de oitenta anos, magra de mostrar o esqueleto, sempre com a calma no rosto e a voz macia, [...], não ordena, pede ” (Idem, p. 67)<sup>3</sup>.

Zonga é, portanto, das personagens femininas de *As Velhas*, a mais submissa à cultura machista da época do desbravamento da região cacauceira.

Os sonhos, as ambições, os projetos de vida pessoal fermentavam dentro da mulher, no entanto, não podiam ir além do seu destino de fêmea. A atuação fora do lar, da casa era desvalorizada, ao máximo, era revalorizada a sua feminilidade e, é claro, a sua maternidade, como se participar da construção da sociedade fosse algo incompatível com sua condição de mulher. (BADINTER, 1985, p. 32)

Até a lembrança do único homem que *reparara* assume a forma de um sonho distante, além do que considera ser seu próprio destino. Lina de Todos, por outro lado, aceita a condição inferior feminina para, num segundo momento, tirar vantagem dessa situação, fazendo a dominação machista funcionar contra os próprios homens. No momento em que ela se coloca contrária à atitude do marido que a aposta em um jogo: “O Raposa já não tinha o que apostar. Foi então que, querendo recuperar o perdido, exclamou com os olhos fora da cara: - Jogo minha mulher!” (Idem, p.101).

Lina passa a se comportar como se fosse um homem; revertendo posições de mando, distanciadas, portanto, das relações estabelecidas naquela sociedade agrária. “- Então sou mula para você servir de aposta? – a cólera a dominava, sem dúvida, mas foi sem perder a calma que disse (Idem,p.102).

A princípio, fica a recusa ao discurso machista, levado às últimas conseqüências. Ela, no entanto, submete-se à dominação, fazendo com que ela funcione a seu favor:

Os homens que ali estavam conheceram Lina de Todos naquele minuto e sua fama começou naquela tarde[...]Ele me pôs nos dados, o safado!  
E vendo os homens excitados em frente, cada um dando o que pedisse para apertá-la nos braços, soube que podia usar eles como quisesse. Buscou esconder a raiva e, abaixando-se um pouco para mostrar os seios, forçou o riso que alegrou o semblante.[...]E foi a apontar o Raposa que disse:

- Já não sou mais dele porque me jogou nos dados. Não serei apenas de Zebeu! Serei de todos! – exclamou, gritando, a ordenar - Matem o Raposa, agora, com as mãos ou a achado, que serei de todos! “(Idem p.102)

O modo como se submete ao machismo e dele tira vantagens encontra-se na citação abaixo:

Era de qualquer um, ou de todos, o corpo trocava por serviços na terra que possuía. Cada plantio novo de cacau teve suor de homem como adubo. Vivia com um homem o tempo certo de pegar barriga. [...] Não se deve ter apego a homem nenhum. Apego somente aos filhos. - Não quis mais donos- ela disse, os olhinhos quase fechados parecia cochilar- o homem a quem dei o corpo e a alma, o Raposa, acabou me apostando no jogo (Idem, p.115)

O fato de não querer mais ligar-se apenas a um homem não é um protesto contra a condição feminina, mas é exatamente sua aceitação para dela beneficiar-se.

### Considerações finais

Enquanto fonte primordial de sentido para que os sujeitos se localizem socialmente, as identidades funcionam como manifestações móveis pelas quais podem ser construídos os sentidos necessários para a convivência na coletividade. Santos afirma que as identidades culturais não são nem rígidas nem, muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes processos de identificação. Portanto, devem ser encontradas formas dos indivíduos irem se identificando com vários contextos sociais e culturais a fim de fornecer sentidos às suas experiências.

As representações têm, então, o papel de produzir uma síntese das características mais marcantes da cultura de um povo para dar suporte à criação das identificações. Estas, por sua vez, são responsáveis pelo sentimento de pertencimento, que permite os sujeitos vislumbrarem-se como integrantes de um contexto cultural com traços bem demarcados. Através das várias representações a identidade cultural vai sendo edificada como uma narrativa, na qual se pode verificar os aspectos que compõem cada cultura.

No caso da obra estudada, *As velhas*, Adonias Filho consegue tecer uma narrativa capaz de reunir os caracteres que mais se evidenciam na cultura da região, formando uma importante referência para a representação da identidade cultural feminina sul-baiana. Assim, a literatura, ao abordar os elementos culturais, corrobora para a construção e manutenção das identidades.

### REFERÊNCIAS

ADONIAS FILHO. *As velhas*. São Paulo: DIFEL, 1982.

\_\_\_\_\_. *Sul da Bahia: chão de cacau*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** 4 ed. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 2003.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade.** Trad. Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 10 ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.** Petrópolis: Vozes, 2003.

MOREIRA, Nadilza Martins de Barros. **A condição feminina: Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin.** João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.

SACRAMENTO, Sandra M. P do. **Nação, identidade e gênero na literatura brasileira.** Rio de Janeiro: Caetés, 2004.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade.** 6 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

---

<sup>1</sup> Integrante do Grupo de Pesquisa Identidade Cultural e Expressões Regionais – ICER- da Universidade Estadual de Santa Cruz- UESC. E-mail: [gisa\\_santana@yahoo.com.br](mailto:gisa_santana@yahoo.com.br). Orientação: Profª. Maria D'Ajuda Alomba Ribeiro.

<sup>2</sup> [Grifo nosso]

<sup>3</sup> [Grifo nosso]